

O CORPO IDEALIZADO - O CORPO REAL

THE BODY DREAMED - THE REAL BODY

Júnia Melo¹

Rachel Rios Scherrer²

RESUMO

Nosso objetivo é colocar nos meios profissionais, didáticos e de produção de peça do vestuário, dúvidas e questões sobre a temática fundamental para uma modelagem correta e para o bem vestir: medidas e proporções, normatizadas e a gradação correta correspondente à grade de numeração pretendida.

Questionar sobre medidas e formas na relação entre as numerações menores e maiores.

Palavras-chave: antropometria, tabela de medidas, mudanças no corpo

ABSTRACT

Our objective is to place in the half professionals, didactic and of production of part of clothes, doubts and questions on thematic the basic one for a correct modeling and to dress it well: measures and proportions, rules and the corresponding correct graduation to the grating of intended numeration. To question on measures and forms in the relation between the lesser and bigger numerations.

INTRODUÇÃO

¹Jornalista de Moda, professora e diretora da Oficina de Moda Junia Melo.
Contato: junia-melo@hotmail.com

²Docente do curso Tecnológico em Design de Moda da Faculdade Estácio de Sá em Belo Horizonte. Arquiteta e urbanista especialista em Design de Moda pela Fumec, assistente da Oficina de Moda Junia Melo.
Contato: rascherrer@hotmail.com

Há alguns anos compareci a um encontro no SENAI-CETIQT do Rio. Onde em meio à palestras, discussões, diversas oficinas, e no conseqüente relacionamento ocasional com profissionais da moda de várias partes do Brasil, pude perceber com muita clareza uma preocupação – denominador comum:

- a necessidade de se estudar, e possivelmente encontrar, após tantas pesquisas aleatórias e individuais apresentadas em várias discussões, um consenso nacional de medidas antropométricas para o brasileiro.

Consenso nacional em tabela de medidas básicas para um país de origens raciais as mais diversas, não é matéria fácil. Além de estudos antropológicos não indicarem um biótipo definido para o brasileiro (homem, mulher, criança), das várias regiões do país apresentarem biótipos tão diferentes quanto uma Gisele Bündchen, uma Vera Fischer, uma Thaís Araújo, uma Camila Pitanga ou Juliana Paes, ainda existe e resiste à uma tentativa de normatização das medidas a figura das donas de confecção.

Por mais incrível que pareça, num país onde a mão-de-obra feminina da confecção representa o mesmo percentual da mão-de-obra masculina na construção civil (dado do Sindicato da Confecção de Minas Gerais), ainda se propõe como o manequim de medidas ideais para a realização de peças pilotos, a própria proprietária da confecção, uma filha ou mesmo uma funcionária. Esta proposta é aceita e trabalhada em todas as coleções, mesmo que a modelo escolhida tenha flagrantes desarmonias entre busto e quadril, ombro e cintura. É uma escolha emocional espelhada no ideal físico da proprietária e não no corpo real, equilibrado, determinado pelos parâmetros existentes.

A recente introdução do método de modelagem por “*moulage*”, aliado à modelagem plana nas indústrias, trouxe um facilitador para este entrave: o uso do manequim de prova – feito com medidas consensuais aprovadas pelas faculdades de moda (Anhembí-Morumbi, Cândido Mendes, Estácio de Sá, Instituto Zuzu Angel) e vários estilistas de renome. Ainda assim, alguns profissionais que não tem a formação adequada para o “*métier*”, que até o advento das faculdades de moda eram exercidos de maneira muito empírica, resistem ao uso dos “manequins de prova” e continuam a usar soluções domésticas. Incorrem portanto em graves prejuízos para a grife, além de comprometer o bem estar e conforto dos usuários.

Assim, é comum encontrarmos confecções que continuam a usar parentes como manequins de prova, o que vai comprometer toda a grade de gradação, pois esta é feita em cima do modelo piloto aprovado. O erro vai se repetindo e agravando por toda a numeração. Outra grande dificuldade encontrada na maioria das confecções que tenho acompanhado ao longo de mais de trinta anos, é a resistência enorme à confecção de uma “tela” feita em algodão crú (tecido barato) para que se teste o modelo de forma tridimensional, antes do mesmo ser confeccionado no tecido definitivo.

Este expediente é usado no mundo inteiro, evitando-se assim enorme perda de tecido e os conseqüentes prejuízos. O argumento usado pelos confeccionistas é sempre o da perda de tempo com a confecção da tela, o que é um grande equívoco de enfoque. A tela testada antes da peça piloto, no algodão crú, tem seus ajustes e correções feitas neste momento, e a peça piloto definitiva sairá perfeita, performance que permanecerá em toda a grade da numeração pretendida, desde que feita com técnica adequada e eficiência.



FIGURA 1 – Aula de “*moulage*”

Em todos os colóquios, encontros e discussões, artigos e revistas especializados, bem como em livros que tratam de ergonomia, antropometria e a relação destas ciências com o produto do vestuário, a mesma preocupação se impõe: chegar-se a um consenso sobre as medidas do brasileiro em geral, e em conseqüência elaborar-se uma tabela básica de medidas para a indústria da confecção nacional.

Sobre os métodos científicos de aferição das medidas do corpo humano, discute-se entre a mensuração manual ou por “*body scanners*”. A escolha da melhor forma não é o objetivo de nossas reflexões neste trabalho. A maneira mais acessível para a determinação de tomada de medidas nas confecções de pequeno e médio porte (contingente importante no cenário nacional) ainda é a fita métrica usada há décadas pelas costureiras (milímetros). A grande preocupação é chegar-se a um consenso que produza uma tabela de medidas razoavelmente confiável, que possa orientar a confecção de modelagens o mais equilibradamente possíveis para os produtos do vestuário em todo o território nacional.

Tenho sérias dúvidas quanto a pensar-se em um biotipo para cada região do país. Isto porque inviabilizaria a distribuição e comercialização em todo o território nacional propondo-se tamanhos diferenciados por cada região, nordeste, sul, etc. O consenso deveria ser portanto, a meu ver, a faixa etária, apesar de também, esta determinação ter que ter uma solução muito bem pensada para embasar o “*marketing*” de vendas de produtos do vestuário em tamanhos específicos. Minha justificativa para esta proposta apóia-se no resultado de estudos, experiência de 50 anos em confecção e acompanhamento da reação dos usuários no varejo de moda. Num país que hoje tem um crescimento demográfico acentuado em indivíduos de mais de cinquenta anos, a população não é mais eminentemente jovem, mas madura (demograficamente falando, população velha). Os corpos portanto deixaram de ser os idealizados, para se tornarem reais de acordo com a temporalidade.

O que concretamente isto quer dizer?

Que o usuário dos produtos do vestuário se defrontam, à cada tentativa de compra de uma roupa, com a dura realidade: onde se situam as pessoas de mais de cinquenta anos? Que roupa vestirá bem uma cintura rodeada de pneuzinhos, e, mesmo no verão não irá expor braços repletos de celulite? Os cinquenta anos são um marco dramático para as mulheres. A queda drástica do nível de hormônios, os ovários reduzidos em quase 70% de sua produção de estrógeno, o hormônio feminino que regula o metabolismo do corpo, provocam grandes transformações na estrutura corporal.

Como conseqüência os músculos ficam mais flácidos, a pele cai sem o suporte do colágeno, e enquanto o peso sobe, as gordurinhas se acumulam principalmente nos quadris, coxas e abdômen, enquanto o rosto também tem seus contornos arredondados. Os tratamentos de reposição hormonal, feitos sob orientação médica, ajudam a melhorar o aspecto físico, a disposição, as dores ósseas e a pele. Porém nenhuma medicação é capaz de reverter o

processo natural do envelhecimento do corpo que, (querendo ou não a cabeça que o governa), cai literalmente na real.

Baseado na constatação da frustração de grande parcela de mulheres que não encontram nunca uma roupa pronta-para-vestir, que a vista sem necessidades de muitos acertos (sempre apertadas na região da cintura e abdômen) é que apresento a proposta a ser discutida e adotada pelas confecções que não podem ignorar um grande mercado carente já detectado por várias pesquisas de mercado, a melhor idade.

É comum, em uma mesma família, mãe e filha, vestirem o mesmo manequim. A realidade porém é que não podem trocar de roupa entre si. Enquanto o manequim 40 veste a jovem que tem um busto de 90cm, cintura de 69cm e quadris 94cm, a mãe de mais de 50 anos tem o mesmo busto, a cintura salta para 76 a 78 cm e os quadris oscilam entre 98 e 100cm. Na realidade, independente de maternidade ou não, do ganho de peso ou não, a mulher após os cinquenta anos tem, irremediavelmente um aumento de 6cm em média na cintura. Mesmo que apele para o recurso de lipo aspiração, poucos meses após a intervenção, o problema retorna.

A GRADUAÇÃO INDUSTRIAL E SUAS INCOERÊNCIAS

Com uma experiência de confecção de 25 anos, e uma prática de ensino técnico de 30, uma conclusão muito clara a mim se impôs. A não concordância com os parâmetros de graduação de numeração do vestuário, como é proposta para os artigos tanto femininos quanto masculinos.

A técnica de graduação GUERRE-LAVIGNE (francesa) para o vestuário feminino, e as várias técnicas para o vestuário masculino de todas as entidades de ensino aqui no Brasil, só podem ser utilizadas sem problemas até a numeração 44 no feminino e de zero até o número três na camisaria masculina. Isto porque as linhas laterais, tanto de roupa feminina, quanto masculina, são totalmente paralelas, somente acrescidas de 1cm (numeração) ou 1,5cm (P,M,G) em cada lateral, conservando a mesma curvatura do acinturado, coisa que só existe no corpo; idealizado, nunca no real. A partir de determinado tamanho, 46 para o feminino e o número 4 para o masculino, as laterais da modelagem, o aumento do pescoço e da inclinação do ombro tem que ser diferenciada para que a vestibilidade, o conforto e a estética estejam

assegurados. Esta curvatura diferenciada não se limita à faixa etária mas existe em toda numeração acima de 44 no feminino, e acima de 4 no masculino, quando a proposta do modelo é acinturada. Na França, a “*Maison Lanvin*” é a única que propõe graduação diferenciada para a numeração de 46 para cima.

O ideal seria então, para uma grade mais extensa de numeração, que a graduação fosse homogênea, isto é, valores iguais entre os números, somente do 36 até o 44 (feminino). O número 46 teria então uma modelagem nova, propondo algumas variações em seus cálculos de profundidade de pinças e de cava, inclinação de ombro, perímetro do pescoço e, principalmente a curvatura da cintura (laterais). Isto, independente de faixa etária, porque por mais que se idealize gordinhas com cintura bem marcada, na mesma proporção dos manequins menores, este sonho não corresponde ao corpo real.

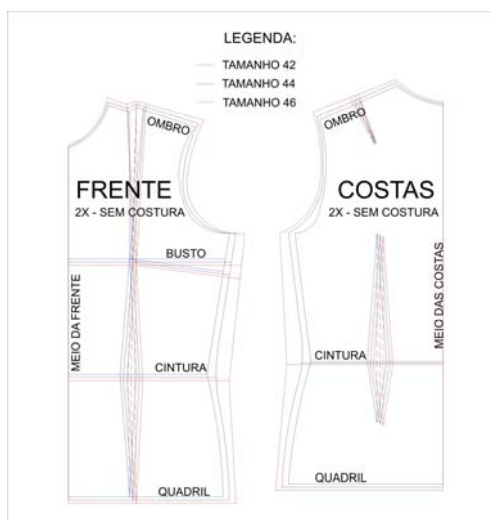


FIGURA 2: Graduação do corpinho básico tamanhos: 42,44 e 46 (menos acinturado)

CONCLUSÃO

Diante desta realidade comprovada por anos de trabalhos e pesquisas sugerimos tabela de medidas diferenciadas por “*teens*”, jovens e senhoras, conforme sugestão anexa.

Observação: As medidas do peito tem um acréscimo de folga para que a cava aceite mangas para peças cavadas e “*corselets*” serão ajustados de acordo com as necessidades.

CONTORNOS	Tamanhos	34	36	38	40	42	44	46	48	50
	Pescoço (N)	34,5	35	35	36	37	38	39	40	41
	Peito (P)	78	82	86	90	94	98	102	108	112
	Cintura (C)	58	62	66	70	74	78	82	86	90
	Quadril (K)	82	86	90	94	98	102	108	112	116
	Joelho (J)	40	42	44	46	48	50	52	54	56
	Barra (B)	38	40	42	44	46	48	48	50	50
COMPRIMENTOS	Ombro (O)	11	11,5	11,5	12	12,5	13	13,5	14	15
	Pescoço-Cintura-Frente(NC')	39	40	41	42	43	44	46	47	47
	Pescoço-Cintura-Costas(NC)	37	38	39	40	41	42	44	45	45
	Ombro-Seio (OS)	24	24	24	25	26	27	28	29	29
	Seio-seio (SS)	17	18	19	20	21	22	23	24	25
	Ombro-Cotovelo (OV)	33	33	34	34	35	35	36	36	37
	Ombro-punho (OM)	58	58	59	60	60	61	61	61	62
	Cintura-Quadril (CK)	18	18	19	20	20	21	21	22	23
	Cintura-Gancho (CG)	23	23	24	25	25	25	26	26	27
	Cintura-Joelho (CJ)	55	55	56	56	57	58	59	60	61
	Cintura-Tornozelo(CT)	100	100	102	104	104	106	106	110	110
	Profundidade da Cava (com manga)	18	19	19,5	20	21	22	23	23,5	24
	Profundidade da Cava (sem manga)	17	18	18	18,5	19	20,5	21	21,5	22

TABELA 1: Tabela de adolescentes “teens” – Faixa dos 15 aos 25 anos

CONTORNOS	Tamanhos	34	36	38	40	42	44	46	48	50
	Pescoço (N)	35,5	36	36	37	38	39	40	41	42
	Peito (P)	80	84	88	92	96	100	104	110	114
	Cintura (C)	60	64	68	72	76	80	86	90	94
	Quadril (K)	84	88	92	96	100	104	110	114	120
	Joelho (J)	40	42	44	46	48	50	52	54	56
	Barra (B)	38	40	42	44	46	48	48	50	50
COMPRIMENTOS	Ombro (O)	11	11,5	11,5	12	12,5	13	13,5	14	15
	Pescoço-Cintura-Frente(NC')	39	40	41	42	43	44	46	47	47
	Pescoço-Cintura-Costas(NC)	37	38	39	40	41	42	44	45	45
	Ombro-Seio (OS)	24	24	24	25	26	27	28	29	29
	Seio-seio (SS)	17	18	19	20	21	22	23	24	25
	Ombro-Cotovelo (OV)	33	33	34	34	35	35	36	36	37
	Ombro-punho (OM)	58	58	59	60	60	61	61	61	62
	Cintura-Quadril (CK)	18	18	19	20	20	21	21	22	23
	Cintura-Gancho (CG)	23	23	24	25	25	25	26	26	27
	Cintura-Joelho (CJ)	55	55	56	56	57	58	59	60	61
	Cintura-Tornozelo(CT)	100	100	102	104	104	106	106	110	110
	Profundidade da Cava (com manga)	18	19	19,5	20	21	22	23	23,5	24
	Profundidade da Cava (sem manga)	17	18	18	18,5	19	20,5	21	21,5	22

TABELA 2: Tabela de jovens – Faixa dos 26 aos 55 anos

CONTORNOS	Tamanhos	34	36	38	40	42	44	46	48	50
	Pescoço (N)	36,5	37	37	38	39	40	41	42	43
	Peito (P)	84	88	92	98	102	106	112	116	120
	Cintura (C)	62	66	70	74	80	84	90	94	100
	Quadril (K)	88	92	96	100	104	108	114	120	124
	Joelho (J)	40	42	44	46	48	50	52	54	56
	Barra (B)	38	40	42	44	46	48	48	50	50
COMPRIMENTOS	Ombro (O)	11,5	11	12	12	13	13,5	14	15	16
	Pescoço-Cintura-Frente(NC')	39	40	41	42	43	44	46	47	47
	Pescoço-Cintura-Costas(NC)	37	38	39	40	41	42	44	45	45
	Ombro-Seio (OS)	24	25	25	26	27	28	29	30	31
	Seio-seio (SS)	17	18	19	20	21	22	23	24	25
	Ombro-Cotovelo (OV)	33	34	34	36	35	36	37	37	38
	Ombro-punho (OM)	59	59	60	60	61	61	62	63	63
	Cintura-Quadril (CK)	18	18	19	20	20	21	21	22	23
	Cintura-Gancho (CG)	23	23	24	25	25	25	26	26	27
	Cintura-Joelho (CJ)	55	55	56	56	57	58	59	60	61
	Cintura-Tornozelo(CT)	100	100	102	104	104	106	106	110	110
	Profundidade da Cava (com manga)	18	19	19,5	20	21	22	23	23,5	24
	Profundidade da Cava (sem manga)	17	18	18	18,5	19	20,5	21	21,5	22

TABELA 3: Tabela de senhoras – A partir dos 56 anos

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, H.J. **Draping for Apparel Design**. New York: Fairchild Publication, 2000.

ARMSTRONG, H.J. **Patternmaking for Fashion Design**. 4th ed. New Jersey: Prentice Hall, 2005).

BONAZZA, Karine Lippert. **Vestuário: Modelagem Tridimensional para uma qualidade industrial**.

BORIELLO, Silvia. 2º Fórum SENAC de Modelagem. **Costura Perfeita** Ano X – Nº 46 – Novembro / Dezembro 2008 – p.66 e 67.

CRAWFORD, Connie Amaden. **The Art of Fashion Draping**. New York: Fairchild Publication, 1996.

GRAVE, Maria de Fátima. **A Modelagem**: Sob a Ótica da Ergonomia. Editora Zennex, s.d.

MELO, J.B. **Modelagem Industrial através do Draping ou Moulage**. Belo Horizonte: Modatec-SENAI, 1999.

MODA e arquitetura, a fronteira entre estes dois mundos está mais próxima. **Revista Arquitetura e Construção** – Edição Top número – 02. p. 53-57 (2007).

ROSA, Lucas da & MORAES, Anamaria de. A Indústria de Confeção do Vestuário e o uso da Ergonomia. 4º Colóquio de Moda – feevale - cd de Anais – 2008

ROSSETTI, Lilian. O potencial da moda para a maturidade. **Costura Perfeita** Ano IX – Nº 41 – Janeiro / Fevereiro 2008 – p.18 e 19.

REIS, Ana Paula dos. **Do corpo sedutor ao corpo invisível: a menopausa em uma perspectiva antropológica**. Salvador; s.n; 2000. 226 p. ilus, tab, graf. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS□=p&nextAction=lnk&exprSearch=451605&indexSearch=ID>. Acesso em 08/07/09

REVISTA FOLHA - **Aos 50, mulher sofre com menopausa e mudança do corpo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/beleza/ult559u35.shtml>>. Acesso em 08/07/09.

REVISTA *ISTOÉ* - **A menopausa - O que acontece com seu corpo**. Disponível em: http://www.lincx.com.br/lincx/saude_a_z/saude_mulher/meno_acontece.asp. Acesso em 08/07/09.

SABRÁ, Flávio, SANTOS, Cristiane & DINIS, Patrícia. **Estabelecendo uma metodologia para medição do corpo humano**. 4º Colóquio de Moda - feevale - cd de Anais – 2008.

SILVEIRA, Icléia & SILVA, Giorgio Gilwan. **Medidas Antropométricas e o Projeto do Vestuário**. 3º Colóquio de Moda – Belo Horizonte - cd de Anais – 2007